

Cariniana estrellensis (Raddi) Kuntze

(estopeira, jequitibá, jequitibá branco, pau estopa)

Família: Lecythidaceae

Endêmica: não⁷

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia (Floresta Ombrófila), Cerrado, Mata Atlântica (Floresta Ombrófila)⁷

Recomendação de uso: Restauração, Silvicultura

O jequitibá é uma árvore de grande porte (até 60 m de altura) indicada para o paisagismo de parques e praças. Sua madeira, de cor branca até rosada, é de boa qualidade, usada para inúmeras finalidades. É também recomendada para a restauração de mata ciliar em áreas de solos bem drenados ou com inundações periódicas de rápida duração.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (cabo de ferramentas, caixotaria, palitos de fósforo, solados de sapato, celulose e papel, construção civil, energia, carpintaria e marcenaria, tonéis), produtos não madeireiros (artesanato, fibras, ecológico, medicinal, ornamental, substâncias tanantes)^{6,3,1,5}

Características gerais

Porte: altura 15.0-60.0m DAP 50-215cm^{3,5,6}

Cor da floração: creme^{4,6,1,3,5}

Flores branco-creme, amarelo-pálidas à creme, brancos a amareladas.

Velocidade de desenvolvimento: Moderada, Rápida^{5,6}

Apresenta crescimento moderado a rápido. A maior produtividade volumétrica é 17,20 m³/ha/ano, aos 25 anos.

Persistência foliar: Perenifolia, Semidecídua^{6,1,3,4}

Sistema radicular: -

Formato da copa: Globosa^{1,4}

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto^{5,6}

Superfície do tronco: Fissurada^{1,2,3}

Tipo de fruto: Seco deiscente (Pixídio)^{1,3,5,4}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas^{11,5,6}

Áreas bem drenadas, não alagáveis (MARTINS, 2007). Solos bem drenados ou com inundações periódicas de rápida duração (CARVALHO, 1994).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária tardia^{9,4}

Polinizadores: É polinizada por abelhas e vários outros tipos de insetos (BACKES; IRGANG, 2004); abelhas (SILVA JÚNIOR; LIMA, 2010; MORELLATO, 1991).^{1,8,3}

Período de floração: outubro a abril^{8,6}

Outubro a abril (CARVALHO, 1994; CARVALHO, 2003); novembro (MORELLATO, 1991).

Tipo de dispersão: Anemocórica, Zoocórica^{6,5,1,8,9}

Agentes dispersores: Porém, são principalmente os macacos que retiram o opérculo, facilitando a dispersão das sementes pelo vento (CARVALHO, 1994; CARVALHO, 2003).^{5,6}

Período de frutificação: maio a março^{5,6,8}

Maio a outubro (CARVALHO, 1994); julho a outubro (MORELLATO, 1991); dezembro a março (CARVALHO, 2003).

Associação simbiótica com raízes: não^{4,10}

Apresenta incidência de micorríza arbuscular baixa (CARVALHO, 2005). Baixa ocorrência de micorriza arbuscular (MA) (CARNEIRO et al., 1998).

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{4,5}

O fruto deve ser coletado quando muda de coloração e quando se apresentar em início de abertura dos opérculos, aparecendo as primeiras sementes. Contudo, a coleta das sementes deverá ser efetuada quando os frutos estiverem ainda na árvore. Após a coleta, são deixados em ambiente ventilado para a abertura. Batendo-se nos frutos, as sementes são extraídas com facilidade. Recomenda-se retirar a asa da semente por ocasião da sementeira

Tipo de semente: -

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento^{5,6}

Produção de mudas: Canteiros^{5,3}

Tempo de germinação: 6 a 70 dias^{6,3,5}

Taxa de germinação: 70 a 95%⁶

Número de sementes por peso: 32000/kg⁶

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra^{6,5}

Espécie heliófila, porém tolera sombreamento leve a moderado na fase juvenil.

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

¹ SILVA JÚNIOR, M. C. da; LIMA, R. M. C. 100 Árvores Urbanas – Brasília: guia de campo. Brasília: Editora Rede de Sementes do Cerrado, 2010. 280 p.

² HOELTGEBAUM, M. P.; QUEIRÓZ, M. H.; REIS, M. S. Relação entre bromélias epifíticas e forófitos em diferentes estádios sucessionais. Rodriguésia, Rio de Janeiro, v. 64, p. 337-347, jun. 2013.

³ BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

⁴ CARVALHO, P. E. R. Jequitibá-Rosa. Colombo: Embrapa Florestas, 2005. 10 p. (Circular Técnica, 107).

⁵ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

⁶ CARVALHO, P. E. R. Espécies florestais brasileiras: recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira. Colombo: EMBRAPA – CNPF; Brasília: EMBRAPA – SPI, 1994. 640 p.

⁷ SMITH, N. P.; MORI, S. A.; PRANCE, G. T. Lecythidaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 17 jun. 2013.

⁸ MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

⁹ CATHARINO, E. L. M.; BERNACCI, L. C.; FRANCO, G. A. D. C.; DURIGAN, G.; METZGER, J. P. Aspectos da composição e diversidade do componente arbóreo das florestas da Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia, SP. *Biota Neotropica*, Campinas, v. 6, n. 2, 2006.

¹⁰ CARNEIRO, M. A. C.; SIQUEIRA, J. O.; MOREIRA, F. M. S.; CARVALHO, D. de; BOTELHO, S. A.; JUNIOR, O. J. S. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas e arbustivas nativas de ocorrência no sudeste do Brasil. *Cerne*, Lavras, v. 4, n. 1, p. 129-145, 1998.

¹¹ MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.